



## Profecia de O

*É um dia há-de chegar a eleita, descendente de Om.*

*Terá fogo no cabelo,  
asas e escamas na pele,  
um uivo na garganta  
e a morte na retina.*

*Cavalgará o sol  
e brandirá a lua.*



## CAPÍTULO I

### O DESAPARECIMENTO DE SELENE

A menina dormia no seu quarto, de tectos altíssimos e paredes caiadas mil e uma vezes. Um quarto alegre numa casa de aldeia que cheirava a lenha e a leite-creme acabado de fazer. As portadas das janelas estavam pintadas de verde e verdes eram também os paralelepípedos do *kilim* que cobria o soalho de madeira, os vales nos desenhos suspensos das paredes e algumas lombadas dos livros juvenis que se apinhavam nas estantes, ao lado de muitas outras, vermelhas, amarelas, cor de laranja e azuis. Uma profusão de cores disseminadas com ousadia nas almofadas, na colcha, nas caixas de *puzzles* e nas chinelas abandonadas debaixo da cama. Cores de infância que não condi- ziam com a ausência de bonecas, já relegadas para o fundo do armário, nem com a seriedade da mesa de trabalho, ocupada quase inteiramente por um *Pentium* da última geração.

Se calhar, a menina não era assim tão menina.

E, ainda que o fosse, não sabia que naquela manhã começaria a deixar de o ser.

O sol entrava a jorros pelas frinchas das persianas mal fechadas enquanto Anaíd, que assim se chamava a menina, se agitava, inquieta, e gritava em sonhos. Um raio de sol rastejou pela colcha, alcançou-lhe laboriosamente a mão, subiu lento mas tenaz pelo pescoço, pelo nariz, pela face e, por fim, ao roçar-lhe as pálpebras cerradas, acordou-a.

Anaíd soltou um grito e abriu os olhos. Estava confusa. Fal- tava-lhe o ar e estranhava a luz intensa que invadia o quarto.

Achava-se naquele estado de semivigília em que ainda não se distingue entre sonho e realidade.

No seu pesadelo, tão vívido, corria e corria no meio da tempestade, buscando refúgio no bosque de carvalhos. Por entre o fragor dos trovões, ouvia a voz de Selene a gritar «pára!», mas não ligava ao aviso da mãe. À sua volta, os raios caíam por toda a parte, às centenas, aos milhares, deslumbrando-a, cegando-a, inundando o bosque com uma chuva de fogo, até que um raio a atingia e ela caía, fulminada.

Anaíd pestanejou e sorriu de alívio. Pois claro. O culpado de tudo tinha sido um raio de sol brincalhão que se infiltrara pelas persianas da janela sem lhe pedir autorização.

Já não restavam vestígios da trovoada que na noite anterior tinha fustigado o vale. O vento forte varrera as nuvens, e o céu limpo brilhava como a água violeta dos lagos.

E aquela luz tão intensa? Era assim tão tarde? Que estranho! Como era possível Selene ainda não a ter acordado para ir para a escola?

Saltou da cama e conteve um calafrio ao pousar os pés nus no *kilim*. Vestiu-se, como de costume, sem dedicar mais de um segundo à sua aparência, e correu à procura do relógio. Nove horas! Era tardíssimo! Já tinha perdido a primeira hora de aula. E a mãe? Como era possível Selene ainda não estar levantada? Ter-lhe-ia acontecido alguma coisa? Acordava-a sempre às oito.

— Selene?

Murmurou Anaíd, empurrando a porta do quarto contíguo e reprimindo a angústia do pesadelo que começava a invadi-la outra vez.

— Selene?

Repetiu, incrédula, ao verificar que não havia ninguém no quarto, além dela e do ar gélido do norte que entrava pela janela aberta de par em par.

— Selene!

Exclamou, irritada, como fazia sempre que a mãe lhe pregava uma partida de mau gosto. Mas desta vez Selene não apareceu por detrás da cortina, a rir com o seu riso estouvado ou a lançar-se sobre ela para rolares juntas na cama meio desfeita.

Anaíd inspirou profundamente uma, duas vezes, e lamentou que o vento tivesse varrido o aroma de jasmim que impregnava o quarto de Selene e que tanto lhe agradava. Depois, a tremer, fechou a janela. Tinha nevado. Apesar de ir adiantado o mês de Maio e de já despontarem os primeiros rebentos primaveris, nessa noite tinha nevado. Ao longe, o campanário de ardósia negra da ermida de Urt amanhecia, polvilhado de branco, como um pastel de nata. Pensou que era uma má premonição por se estar num ano bissexto e cruzou os dedos, como lhe havia ensinado Deméter.

— Selene? — tornou a repetir Anaíd na cozinha.

Mas ali estava tudo intacto, tal qual haviam deixado na noite anterior depois da discussão, antes da tempestade e do pesadelo. Anaíd vasculhou meticulosamente. Nem vestígios de uma chávena de café tomado às escondidas, nem uma bolacha mordiscada, nem um copo de água bebida a desoras. Selene não tinha posto os pés na cozinha. Com toda a certeza.

— Selene! — insistiu Anaíd, gritando, cada vez mais nervosa.

E a sua voz ecoou na eira, no alpendre e chegou ao velho palheiro que fazia as vezes de garagem. E aí Anaíd deteve-se um instante, mesmo no limiar da desconjuntada porta de madeira, esforçando-se por habituar os olhos à penumbra interior. Lá estava o velho carro, imóvel, coberto de pó e com as chaves na ignição. Sem ele, Selene não podia ter ido muito longe. Urt ficava afastada de toda a parte e a meio caminho de todos os lugares. Era preciso pegar no carro para ir à cidade, à estação dos comboios, às pistas de esquí, à montanha, aos lagos e, até, ao supermercado dos arredores. Então... se ela não tinha levado o carro...

Anaíd começou a urdir uma suspeita. Voltou ao casarão e revolveu-o escrupulosamente. Com efeito, os pertences de Selene estavam intactos. A mãe não podia ter saído de casa sem casaco, sem mala, sem chaves e sem sapatos.

Cada vez mais perturbada, Anaíd ia acumulando mais e mais certezas que a remetiam para a ansiedade que sentira na manhã da morte da avó Deméter. Era absurdo, mas tudo parecia indicar que Selene se tinha esfumado com o que tinha no corpo, sem um miserável gancho de cabelo, seminua e descalça.

Com o coração a bater descompassado, arrancou literalmente o seu grosso anoraque de penas do cabide da entrada e, pondo-o de qualquer maneira, certificou-se de que as chaves estavam no bolso, fechou a porta atrás de si e saiu para a rua. Na viela, o vento gelado penetrava, assobiando e ziguezagueando, no estreito corredor formado pelas casas de paredes grossas, construídas ao resguardo da nortada.

Urt, com as suas casas de pedra e telhados de ardósia, erguia-se na cabeceira do vale de Istaín, no sopé dos Pirenéus, cercada de altos cumes e lagoas geladas. Na praça, orientada a leste para receber no altar o primeiro raio de sol, levantava-se a igreja românica. No cimo, dominando o vale e a entrada do desfiladeiro, alçava-se o torreão em ruínas, habitado por corvos e morcegos. Antigamente, o vigia permanecia alerta dia e noite com uma única tarefa, manter viva a tocha destinada a acender a fogueira ao avistar o inimigo. A torre de vigia de Urt era a torre-mãe dos vales, o seu sinal avisava-se de seis povoações diferentes e diz a lenda que a fogueira de Urt deteve o avanço implacável das hostes sarracenas através dos vales pirenaicos, lá pelo século VIII, numa façanha ignorada e anónima.

Anaíd manteve-se ao abrigo do vento até transpor as ruínas das velhas muralhas de Urt. Uma vez em campo aberto, recebeu o açoite da nortada em pleno rosto. Duas grossas lágrimas deslizaram-lhe pelas faces, mas não recuou e, enfrentando o vendaval, tomou o caminho do bosque sem parar uma única vez.

O velho carvalho surgia de manhãzinha com um aspecto lastimoso. Ramos quebrados, troncos centenários carbonizados, folhas caídas, matos chamuscados... Aqui e ali, a tempestade deixara feridas que só o tempo se encarregaria de cicatrizar. Com a ajuda de um bastão, Anaíd ia desbastando palmo a palmo o manto grisáceo e lamacento que cobria o solo. Receava encontrar o que procurava. Receava tanto que o negava repetidamente. Mas, mesmo assim, apesar do pânico, fazia o seu trabalho conscienciosamente. Tinha-se proposto percorrer o bosque de ponta a ponta, revistando palmo a palmo todos os recantos.

Procurava o corpo de Selene.

Anaíd nunca poderia esquecer a manhã em que desapareceu Deméter, nem a noite que precedeu a sua morte. Deméter, a avó, tinha morrido no bosque, numa noite de tempestade, havia pouco menos de um ano, quando vinha de assistir ao seu último parto. Era parteira. Ao lembrar-se disso, Anaíd ainda sentia o sabor salgado das lágrimas que chorou por ela.

Nessa manhã, depois de uma tempestade aparatosa, o dia amanhecera coberto de uma neblina descorada. Selene estava inquieta por Deméter não ter dormido na sua cama, e Anaíd sentiu um medo abstracto, indefinido. Selene não deixou que a acompanhasse ao bosque, quis ir sozinha, e, ao regressar, transida de frio e com os olhos velados por uma teia de dor, não conseguia articular as poucas palavras necessárias para lhe comunicar a morte da avó. Mas não foi preciso, porque Anaíd já sabia. Tinha sentido o gosto acre da morte a subir-lhe pela garganta logo que acordou. Muito a custo, Selene contou-lhe que ela própria encontrara o corpo de Deméter no bosque. Depois calou-se. Selene, de sua natureza tão tagarela, emudeceu e não respondeu a uma só pergunta de Anaíd.

Ao longo dos dias seguintes, a casa encheu-se de familiares distantes, vindos de todas as partes do mundo. Receberam centenas de cartas, de telefonemas, de *e-mails*, mas ninguém arriscava nada. Por fim, disseram que tinha sido um raio, e a médica forense, uma especialista vinda de Atenas, assim o certificou. No entanto, Anaíd não pôde beijá-la antes de a meterem no ataúde, pois o corpo estava carbonizado, irreconhecível.

Na aldeia falou-se por muito tempo do raio que atingiu a avó na noite de trovoada, embora ninguém, nem sequer Anaíd, tenha achado explicação para o que fazia Deméter no carvalho àquelas horas. O carro dela foi encontrado na estrada, estacionado junto à valeta do caminho florestal, com a janela do lado do condutor aberta, as luzes de posição acesas e o pisca-pisca a pestanejar teimosamente.

Anaíd deteve-se e o presente voltou a instalar-se, rápido, entre as sombras das folhas dos carvalhos. O bastão tinha chocado com qualquer coisa, com um objecto duro coberto pela folhagem. Sem poder impedi-lo, as mãos traíram-na e começaram a tremer com insistência. Recordou os conselhos de Deméter para vencer o medo

quando o pânico se apoderava da vontade. Deixou a mente em branco, em seguida afastou as folhas com as botas e susteve a respiração: era um corpo ainda quente, mas não pertencia a um ser humano, era... era... um lobo ou, melhor dizendo, uma loba, pois notavam-se perfeitamente as tetas inchadas de leite. Os cachorros não deviam andar longe. Pobrezinhos, sem o leite da mãe estavam a condenados a morrer de fome. Anaíd consolou-se pensando que talvez já estivessem suficientemente crescidos para subsistir com a ajuda da alcateia. Observou o animal. Era belo. A pelagem, apesar da sujidade da lama, era de um cinzento pérola, suave e sedoso ao tacto. Sentiu pena da jovem loba e voltou a tapá-la com folhas secas, ramos e pedras, para evitar que fosse pasto de devoradores de carne putrefacta. A loba estava longe das montanhas, tinha descido ao vale aventurando-se em território humano e encontrara a morte. Porque teria descido ao vale?

Anaíd olhou para o relógio. Era meio-dia em ponto. Decidiu que o mais sensato seria voltar a casa e verificar se estava tudo na mesma. Por vezes, acontecia que as circunstâncias mudassem inesperadamente e o que horas ou minutos antes parecia horrroso deixasse de o ser.

Confiando na remota possibilidade de encontrar Selene em casa, empreendeu o caminho de regresso sem tomar as devidas precauções e teve a má sorte de esbarrar nos colegas de turma, que vinham a sair em tropel da escola. Dar explicações ou responder a perguntas embaraçosas era a última coisa que ela desejava fazer naquele momento. Também não se achava com ânimo para enfrentar as suas zombarias. De maneira que deu meia volta e correu disparada na direcção contrária, desviando pela azinhaga da ponte. Virou-se para confirmar se tinha conseguido esquivá-los e esse gesto perdeu-a. Não viu o *Land Rover* azul que vinha a descer a ladeira e só deu por uma forte pancada na perna e por uma chiadeira de travões. Depois, um grito. A seguir, nada.

Anaíd jazia no chão, atordoada, sem conseguir mexer-se, e a condutora do veículo, uma turista em roupa desportiva, de cabelo louro, olhos azuis e um leve sotaque estrangeiro, ajoelhava-se sobre ela, lamentando-se e tentando-lhe o corpo.